

127 Nova República, velho Maranhão

NILTON ORNELAS **Especial para o Estado**

Qual o futuro do País com José Sarney na Presidência? Velhos compromissos reafirmados, outras propostas; hipóteses para a Nova República. Mas qual o futuro do Maranhão, com o seu principal chefe político definitivamente no Palácio do Planalto? Sarney odernará ao ministro Dornelles a rolagem da dívida externa do Estado — que não está sendo paga com regularidade e vence no ano 2.013 — e concederá empréstimos a fundo perdido? O Banco do Brasil suspenderá o bloqueio da receita do Fundo de Participação do ICM, por conta do atraso no pagamento dos empréstimos feitos pelo Maranhão no passado?

Porém, os problemas financeiros da administração estadual não são os mais graves do Maranhão. O Estado enfrenta uma das piores enchentes de sua história, com 44 municípios inteiramente sob as águas e 120 mil

desabrigados, para os quais faltam alimentação, alojamento e remédios em quantidade adequada (o governo estadual quer Cr\$ 800 milhões para atender os flagelados). Isso sem contar com o prejuízo futuro — 57% da produção agrícola deste ano está perdida. Ou seja, a principal fonte de divisas para o Estado — o arroz — praticamente desapareceu.

É claro que o Maranhão se orgulha de participar do projeto Carajás, uma das fronteiras do futuro para o País. Mas, na prática, a curto prazo, ele nada rende para o Estado. No máximo, cinco mil empregos e nenhuma arrecadação tributária.

O futuro do Maranhão, com ou sem Sarney na Presidência, não parece dos mais promissores. Da última administração estadual até a atual, de Luís Rocha, o número de funcionários públicos saltou de 19 mil para 75 mil. Outra herança nada fácil para Luís Rocha, eleito com o apoio de Sarney: a dívida pública, imobilizada

em grande parte em obras sem retorno financeiro, como estádios de futebol.

Poderá Sarney reeditar o seu “Maranhão Novo” na Nova República? “Maranhão Novo” era a plataforma que o elegeu governador em 1965. Sarney, como bom udenista e revolucionário, prometia mudanças e ameaçava com uma “limpeza” na administração. Foi escolhido na primeira eleição considerada “limpa”: o então presidente Castello Branco mandou realizar uma devassa no Tribunal Regional Eleitoral, o que eliminou quase 250 mil títulos fantasmas, derrubando o feudo político de Vitorino Freire, do PSD, o chefe inconteste do Maranhão.

A Nova República, agora sob a responsabilidade de Sarney, enfrentará os desafios sociais, dos quais Maranhão é um recordista nacional: a maior taxa de mortalidade infantil, o maior índice de analfabetismo e a menor renda per capita.